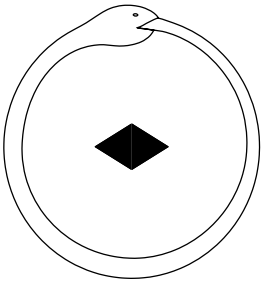
VIVA VIVA
ESCOLA VIVA



cadernos
SELVAGEM





Viva Viva Escola Viva

Este é o catálogo da segunda exposição Viva Viva Escola Viva, apresentada no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, entre 10 de junho e 9 de agosto de 2026. A exposição, realizada em parceria entre a Selvagem e o Instituto Tomie Ohtake, reuniu artes e pensamentos das cinco Escolas Vivas, dos povos Maxakali, Huni Kuĩ, Guarani, Baniwa e Tukano-Desana-Tuyuka, com curadoria de Cristine Takuá, coordenadora do movimento Escolas Vivas. Desde a primeira exposição Viva Viva Escola Viva, no Rio de Janeiro, entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024, que as produções artísticas das Escolas Vivas estão presentes na Selvagem. Cada exposição é o resultado de uma tecitura cuidadosa de atividades nos cinco territórios e também fora deles, promovendo experiências e trocas entre artistas das Escolas Vivas. Aqui estão os registros da exposição e dos percursos entre 2023 e 2026. Foram oficinas, residências e muito trabalho coletivo.

Que estas obras e suas realizações cheguem a vocês com a mesma pulsão criativa com que foram criadas!



Cristine Takuá na residência Casa Escola Viva, no MAM Rio, em 2025

ESCOLAS VIVAS

Cristine Takuá,
coordenadora do movimento Escolas Vivas

Uma canoa da transformação, uma palmeira (pindó), pilar da Terra.
Cada Escola Viva planta uma possibilidade de transformação e de sustentar mundos.

As Escolas Vivas são um movimento indígena para o fortalecimento e a transmissão de saberes tradicionais. Atualmente, cinco centros realizam essas ativações nos próprios territórios, buscando promover o acordamento de memórias e tradições.

Na Associação Selvagem, cultivamos estudos e atividades por meio de uma rede colaborativa que conecta vozes e entrelaça conhecimentos. A origem da Selvagem se deve à experiência de trabalho e às articulações com a imensa sabedoria dos povos indígenas.

O movimento Escolas Vivas é coordenado por mim, Cristine Takuá. Sou educadora, mãe, parteira e pensadora. Com meu companheiro Carlos Papá, meus filhos, Kauê e Djeguaka, e minhas filhas de criação, Yryapua, Pará, Yva, Jera e Xapya, habito a Terra Indígena Rio Silveira do Povo Guarani Mbya.

Cultivo um diálogo constante com cada centro, buscando manter viva uma rede de partilhas, e compartilho, em textos publicados no *Diário de Aprendizagens Selvagem*, as vivências junto às Escolas Vivas Shubu Hiwea, do povo Huni Kuĩ; Apne Ixkot Hãmhipak, do povo Maxakali; Arandu Porã, do povo Guarani; Bahserikowi, dos povos Tukano, Desana e Tuyuka; e Madzerokai, do povo Baniwa.

O sonho de acordar as memórias e fortalecer os territórios passa por camadas muito sensíveis e desafiadoras de uma caminhada que trilhamos junto à Associação Selvagem, grande semeadora de pensamentos. Esses passos conjuntos propõem uma alternativa à monocultura mental que ainda prevalece em muitos contextos.

Através do diálogo com o tempo, entendemos os códigos que nos rodeiam. Alcançamos direções e percepções de tecnologias ancestrais que nos foram capturadas e enquadradas pelas formas de transmissão de saberes das escolas não vivas. O tempo nos reconecta com o ancestral, pois ele pode fazer desabrochar os conhecimentos que foram adormecidos e que outros tentaram apagar. Os atos de ouvir, sentir, dialogar e respeitar o tempo transformam e curam.

O primeiro momento das Escolas Vivas foi o *tempo do despertar*, em que a maioria delas se viu na situação de organizar, estruturar e buscar maneiras de enfrentar as muitas dificuldades consequentes de toda a violência da colonização.

O segundo momento foi o *tempo do respiro*. Após os primeiros anos de apoio, foi possível entender que os caminhos para a manutenção dos projetos estavam abertos, e cada grupo passou a se concentrar nas ações coletivas em seus territórios e comunidades. O respiro veio da sensação de acolhimento e da percepção de tudo que era possível transformar nas ações diárias, a partir de cada realidade vivida junto ao apoio recebido. O respiro veio ainda da possibilidade de ouvir e sonhar histórias e transformá-las em arte, junto a crianças, jovens e anciãos.

À medida que cada representante e suas comunidades foram se reconhecendo como Escolas Vivas ativas, começaram a viver o *tempo da abundância*. Nele, cada coletivo ativo começou a transformar seu território e ver os sonhos se tornando realidade.

Foi possível realizar grandes ações e intercâmbios entre as cinco Escolas Vivas. Entre dezembro de 2023 e janeiro de 2024, a primeira exposição *Viva Viva Escola Viva* aconteceu no Rio de Janeiro, reunindo artes, medicinas e pensamentos. Em outubro de 2025, dois artistas de cada Escola Viva se reuniram no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) para a residência artística Casa Escola Viva, em quinze dias de criação e partilhas. Em junho de 2026, em São Paulo, nasce uma nova exposição *Viva Viva Escola Viva*.

As Escolas Vivas se afirmam como um coletivo que busca transformar a relação do ensinar-aprender, a relação do que é realmente útil e necessário na troca constante de saberes que são ancestrais, mas que, por uma arrogância colonial e epistemológica, foram desfigurados numa escola clássica e quadrada. A arte das Escolas Vivas não é arte-mercadoria, mas arte-pensamento, arte-sonho e arte-ação para o fortalecimento das vidas de cada cultura.

A exposição *Viva Viva Escola Viva*, em sua segunda edição, comunica ao mundo a existência da resistência e a força da cultura, na forma da transmissão de saberes entre gerações e comunidades. Através do encontro entre os coordenadores das cinco Escolas Vivas, foi possível a cada espaço-território compartilhar suas experiências e desafios e assim, juntos, se fortalecer.

A cura da terra; a força dos cantos; memórias de seres que já não vivem mais, como as árvores grandes das regiões de Minas Gerais; as oralidades das muitas nar-

rativas sobre os seres-espíritos, guardiões de tudo que habita na Terra; o respeito às medicinas tradicionais; a preservação do caminho do bem viver, para existir e viver em equilíbrio – esses são os muitos sonhos que cada integrante das Escolas Vivas anseia.

E, seguindo o futuro das Escolas Vivas, sonhamos viver o *tempo das memórias vivas e ativas*, num fluxo constante de trocas e interações sensíveis com todas as formas de vida.

Esta exposição traz o eco da força ancestral que habita nas muitas formas de transmitir conhecimento. Com a possibilidade de ver e sentir cada mensagem que os membros das Escolas Vivas sopraram nesses dias, todos têm a possibilidade de se conectar com a essência da nossa ação coletiva. Povos das florestas Nhe'ẽry e Amazônia são os artistas e os mestres que, com beleza e sensibilidade, estão soprando pensamentos, artes e encantos para o mundo.

VIVA, VIVA, ESCOLA VIVA!


Viva
Vive
Escola Viva

AQUI E AGORA
Associação Selvagem

Atravessamos rios, céus, estradas e um mundo em combustão para chegarmos *aqui e agora*. As artes que estão *aqui e agora*, exibidas no Instituto Tomie Ohtake, atravessaram lugares bem mais remotos, vieram das origens de mundos que não perderam seus fios de memória. Essas origens de mundos estão vivas nas Escolas Vivas Guarani, Maxakali, Huni Kuĩ, Baniwa e Tukano-Desana-Tuyuka.

Aqui e agora estão fibras de tucuns nascidos e criados no Alto Rio Negro, e também o *Umbigo do mundo* trançado pelas mãos de mulheres Baniwa, donas de roçado e parteiras.

Há mimãnãns dando as coordenadas precisas de *aqui e agora* para que sejamos avistados pelos espíritos que se apresentam nos rituais Maxakali.

Aqui e agora há um pano professor do povo Huni Kuĩ, com kenes ensinados pela jiboia Siriani em tempos imemoriais. Kenes são muito mais que desenhos ou grafismos indígenas: são leituras de pulsares, são presença, são arte, são cura e são transmissão de saber, tudo ao mesmo tempo, na mesma expressão geométrica.

Plantas medicinais também estão *aqui e agora*, trazidas pela Escola Viva Tukano-Desana-Tuyuka. São elixires e bálsamos amazônicos formulados com o poder de potencializar a complexa química da vida.

Esculturas, pinturas e desenhos não são objetos, muito menos representações – são rezas que dialogam com o invisível do qual participamos.

Somos a Associação Selvagem, correalizadora da exposição *Viva Viva Escola Viva*. Somos uma organização não governamental que envolve um ciclo de estudos sobre a vida, o movimento indígena das Escolas Vivas e uma rede colaborativa voltada a aprendizagens e traduções entre mundos.

Desde 2018, estudamos, registramos, produzimos, compartilhamos e apoiamos saberes indígenas, compondo diálogos entre ciências e artes. Selvagem é a confluência de trajetórias de vidas ainda mais antigas, profundamente envolvidas com aprendizagens entre culturas e entre espécies.

Nesses estudos e trajetórias, aprendemos que inúmeros *aqui e agora* desenham a vida como uma serpente que ciclicamente se renova, comendo a própria cauda. A presença é um ato contínuo, uma confirmação que passa por dentro dos corpos.

Por isso, Cristine Takuá, a coordenadora das Escolas Vivas, chama o projeto de *movimento*. E, por isso, buscamos a continuidade de nossas ações articulando e renovando, sem data para acabar, o apoio mensal às cinco Escolas Vivas, iniciado em 2023.

Agradecemos a quem acessa nossos materiais de estudo, a quem colabora, a quem participa, aos institutos e às pessoas que apoiam a continuidade da Associação Selvagem. *Aqui e agora*, agradecemos ao Instituto Tomie Ohtake, ao Paulo Miyada, que iniciou esse diálogo, à Gabriela Moulin, ao Fábio Santiago, à Ana Roman e às pessoas incríveis que trabalham para que ele exista.

Aqui, um edifício em forma de cobra-coral que suspende o céu sobre São Paulo.

Agora, a saudação animada: Viva, Viva, Escola Viva!

APRESENTAÇÃO
Instituto Tomie Ohtake

A escola já foi pensada de muitas maneiras. Há tratados que a definem como instituição central na organização das sociedades, responsável por estruturar a transmissão de conhecimentos, valores e modos de vida. Mas ela é também atravessada pela vida de quem a habita. Não é apenas um sistema: é um lugar de experiência, onde pessoas se transformam, aprendem, desaprendem, se deslocam. Há sempre movimento, mesmo quando suas formas parecem estáveis.

Ao afirmar a possibilidade de uma "escola viva", não se trata de expandir o modelo existente, mas de deslocá-lo. O termo, proposto por Dua Busẽ, da Shubu Hiwea, Escola Viva Huni Kuĩ, nomeia um modo de aprendizagem em que conhecer não se separa de viver. O saber não aparece como algo externo a ser acumulado, mas como algo que se produz e se partilha nas relações com o território, com o corpo, com o tempo e com os outros – transmitindo-se no uso, na prática, na convivência, atravessando gerações e se transformando à medida que é vivido.

Correalizada com a Associação Selvagem, a mostra Viva Viva Escola Viva reúne artes e pensamentos das Escolas Vivas, um movimento de apoio ao fortalecimento e à transmissão de saberes tradicionais em territórios indígenas. Com a coordenação geral de Cristine Takuá, o projeto inclui atualmente cinco Escolas Vivas, dos povos Maxakali, Huni Kuĩ, Tukano, Desana, Tuyuka, Guarani e Baniwa, cada uma conduzida por seus coordenadores: Sueli Maxakali e Isael Maxakali; Dua Busẽ e Teresa Netẽ Huni Kuĩ; Carla Wisu, João Paulo Tukano e Ivan Tukano; Carlos Papá; Francisco Fontes Baniwa e Francy Baniwa. Essas experiências acontecem nas aldeias, nos territórios, como parte da vida cotidiana, e não se limitam ao espaço expositivo. A mostra realizada no Instituto Tomie Ohtake torna visível uma parte desse processo mais amplo, que segue em curso.

A exposição reúne diferentes linguagens e expressões que emergem dos territórios e de seus saberes tradicionais. Por meio de oficinas, residências artísticas, vivências e conhecimentos próprios de cada Escola Viva, as obras demonstram as singularidades e a diversidade nos modos de viver e fazer de cada povo.

Parte das obras apresentadas nesta exposição, que é resultado de anos de trabalho das Escolas Vivas, foi produzida através de processos colaborativos, fundamentados nas culturas e conhecimentos ancestrais dessas comunidades. Essas dinâmicas esta-

belecem um campo de encontro e escuta no qual diferentes práticas e cosmologias se articulam, desenvolvendo novas propostas nas formas de fazer arte e, consequentemente, de conceber exposições.

Com a missão de seguir nesse mesmo sentido, o Instituto Tomie Ohtake reafirma seu compromisso com a valorização da diversidade cultural e com a promoção de práticas artísticas que ampliem os modos de criar, pensar e compartilhar conhecimento.

O Instituto Tomie Ohtake agradece ao povo das aldeias, aos artistas, às lideranças e aos coordenadores, que atuam em seus territórios fortalecendo vínculos e sustentando a continuidade de suas culturas; e ao Ministério da Cultura, pela viabilização da exposição *Viva Viva Escola Viva*, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet). A mostra é realizada pelo Instituto Tomie Ohtake em parceria com a Associação Selvagem e conta com apoio do Nubank, nosso mantenedor institucional, e patrocínio do Aché Laboratórios Farmacêuticos, na cota Prata.

O CAMINHO DA EXPOSIÇÃO 2023 - 2026

Até *Viva Viva Escola Viva* desembarcar na sua edição de 2026, em São Paulo, no Instituto Tomie Ohtake, a exposição percorreu um longo caminho de elaboração.

A realização coletiva é uma costura invisível e cotidiana, e essa forma de construção é parte importante do trabalho da Selvagem junto com as Escolas Vivas.

Fazer *com* povos indígenas, e não *sobre*, é um convite à escuta e à abertura para o que é vivo, em um caminho que se faz ao mesmo tempo em que os pés andam.



Viva Viva Escola Viva 2023

A exposição *Viva Viva Escola Viva* já contou com uma edição em 2023, no Rio de Janeiro, na Casa Brasil. Foi a primeira exposição das artes criadas pelas Escolas Vivas e teve curadoria de Cristine Takuá. Nessa ocasião, Cristine disse que a exposição não era uma exposição de artes, mas de pensamentos. E isso segue valendo para a edição de 2026.

A partir da exposição no Rio de Janeiro, entendemos que a exposição *Viva Viva Escola Viva* é um processo contínuo de construção das Escolas Vivas, que ganha um novo desenho a partir de cada nova montagem. Até por isso, por honrar esse processo contínuo de construção, a exposição leva sempre o mesmo nome *Viva Viva Escola Viva*, mesmo que as obras e sua configuração sejam diferentes a cada nova montagem.



Exposição *Viva Viva Escola Viva*, Rio de Janeiro, 2023 / 24

Oficinas em territórios

A preparação da exposição foi realizada pela Selvagem com o Instituto Tomie Ohtake ao longo de quase dois anos. Foram realizadas um total de oito oficinas nos territórios das cinco Escolas Vivas para elaboração das obras a serem expostas.



Oficinas na Escola Viva Maxakali em agosto de 2024 e em março e abril de 2026



Oficina na Escola Viva Tukano-Desana-Tuyuka em abril de 2025



Oficinas na Escola Viva Guarani em outubro de 2024 e em janeiro de 2026



Oficina na Escola Viva Baniwa em maio de 2025



Oficina na Escola Viva Huni Kuĩ em abril e maio de 2026

Planeta casa na Casa do Povo

A residência Planeta Casa – que ocupou por um mês a Casa do Povo, em São Paulo, em outubro de 2024 – foi um dos pousos no percurso de elaboração da exposição *Viva Viva Escola Viva*.

A partir de mapas antigos da cidade de São Paulo, a Escola Viva Guarani criou um mapa pintado à mão com destaque para os rios que compõem sua paisagem – muitos deles adormecidos – e as palavras de origem Guarani que nomeiam até hoje as vias expressas, os bairros e as estações de metrô.



Processo de criação do mapa de São Paulo em Guarani na Casa do Povo em outubro de 2024



Continuação do processo na Escola Viva Guarani em outubro de 2024



Fotos da residência Casa Escola Viva no MAM Rio, 2025

Casa Escola Viva

Outro projeto que se articulou intimamente com a exposição foi a residência artística Casa Escola Viva, que aconteceu em outubro de 2025, no Bloco Escola do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A residência, apoiada pela Embaixada da França por ocasião do ano França-Brasil, teve a presença de dez artistas indígenas, dois de cada uma das Escolas Vivas, por quinze dias na cidade do Rio de Janeiro.

A residência no Rio de Janeiro foi relevante por contribuir para a troca entre os artistas das Escolas Vivas e por oferecer a eles a oportunidade de se dedicar exclusivamente à criação, dedicação que muitas vezes é atravessada por demandas do cotidiano do território. A agenda de atividades incluiu visitas a ateliês, exposições, rezos, cantos coletivos, além de oficinas de produção de pigmentos naturais e pintura em aquarela. Durante o processo, os artistas elaboraram 46 telas, mais de 80 desenhos, além de vestidos, cestaria (tecelagem em taquara) e miçangas que fizeram parte da exposição de 2026.

Montagem no Instituto Tomie Ohtake

Com projeto expográfico de Anna Dantes, as obras trazidas ao Instituto Tomie Ohtake foram dispostas sobre grandes telas pintadas no local pelos artistas das Escolas Vivas ao longo de dez dias. Dessa forma, esse trabalho coletivo não ficou exposto em paredes neutras de museus, mas foram abraçados por representações das florestas e pelos mundos que compõem os saberes de cada povo.









Fotos da montagem da exposição *Viva Viva Escola Viva* 2026, no Instituto Tomie Ohtake







AVÓS

Os Avós são os guardiões das boas e belas mensagens sopradas em palavras, contadas em narrativas antigas ou transformadas em artes que animam o nosso caminhar. Evocar os Avós, escutá-los e ver suas ativações é acessar outros códigos, sentir a ancestralidade que habita em suas antigas mensagens. Quando um avozinho pega seu maracá e entoa, através dos cantos, os rezos de cura e proteção, ou quando as avozinhas recebem com seus cantos os nenezinhos que chegam ao mundo, eles estão fazendo pontes entre o mundo dos humanos e o dos espíritos.



Para a exposição *Viva Viva Escola Viva*, convidamos alguns avozinhos para trazer essa força da memória ancestral: Ehuana Yanomami, Tõrãmũ Kẽhíri (Luiz Lana), Moisés Piyãko e Ailton Krenak. Eles são conhecedores da sensível sabedoria dos que buscam sentir a própria sombra.



Pavãozinho da serra (2000)
Tintas variadas sobre papel artesanal, 60 x 40 cm

Ranga'ṭ (2000)
Nanquim e urucum sobre papel artesanal,
28 x 40 cm

Morubi'ṭ (1987)
Serigrafia sobre papel vergê, 60 x 45 cm

Ailton Krenak

Ninguém está falando em educação escolar aqui. Para quem vê de longe, pode entender que estamos elaborando um projeto pedagógico, um plano de educação para as nossas comunidades ou para os não indígenas. Mas não é nada disso. Esta é uma experiência de apoiar mestras e mestres dos saberes ancestrais, aquelas e aqueles que vivem o exercício do fazer. Nosso apoio acontece para que elas e eles possam continuar transmitindo seus saberes.
Caderno Selvagem O coração expandido das Escolas Vivas

Ailton Krenak é pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), *O amanhã não está à venda* (2020), *A vida não é útil* (2020) e *Futuro ancestral* (2022), todos pela Companhia das Letras, e *Um rio um pássaro* (2023), pela Dantes Editora. Em 2022, foi eleito imortal pela Academia Brasileira de Letras.



Ehuana Yanomami

Se vocês virem a forma como nós, Yanomami, *pensamos, se vocês virem isso, irão nos ajudar. Eu penso sobre isso quando faço minha arte.*

Ehuana Yaira Yanomami é uma líder Yanomami, artista, pesquisadora e mãe de quatro filhos. Ela nasceu, cresceu, teve seus filhos e continua a viver na Floresta Amazônica, na região de Demini (Amazonas). Por volta dos dez anos de idade, começou a estudar na escola indígena de sua comunidade, onde aprendeu a escrever em sua língua nativa, o yanomae. Ehuana tornou-se a primeira professora de sua comunidade em 2010, quando começou a participar de diversas pesquisas e produções de livros em yanomae, sendo autora de Yɨpimuwi thɛ̃ã oni: *palavras escritas sobre menstruação* (Saberes Indígenas, 2017). Através desses projetos, ela começou a ilustrar livros, revelando seu talento como artista. Desde 2017, cria desenhos e pinturas que retratam seu cotidiano como mulher da floresta. Ela também se inspira em sonhos, dada sua forte capacidade de sonhar, por ser filha de um xamã.

Ehuana se destaca como uma das poucas líderes femininas entre os Yanomami e tem conquistado crescente reconhecimento por coordenar o Encontro de Mulheres Yanomami, realizado anualmente na Terra Indígena Yanomami. Além disso, participa de eventos voltados para públicos não indígenas, nos quais discorre sobre a força das mulheres Yanomami, as lutas contra a mineração ilegal e pela saúde de seu povo, e a defesa da floresta onde nasceu, cresceu e cria seus filhos.

Todas as obras são da coleção da artista e usam caneta hidrográfica, lápis e aquarela sobre papel.



1. Espírito da mulher-planta Xõãyoma (2022)
42 x 29,7 cm



2. Sem título (2025)
42 x 29,7 cm



3. Sem título (2025)
42 x 29,7cm



4. As mulheres gostam de tirar lenhas (2022)
42 x 29,7 cm



5. Os buritizais crescem na beira dos lagos (2022)
42 x 29,7 cm



6. Nós, mulheres, matamos muitos peixes com timbó (2024)



7. Ãyõkõrari, espírito do japim-xexéu, morador das serras (2023)
42 x 29,7 cm



8. Nós, mulheres, ainda possuímos as plantas venenosas hore (2023)



9. Os espíritos são os que seguram Yarimari, o espírito do vendaval (2023)
42 x 29,7 cm



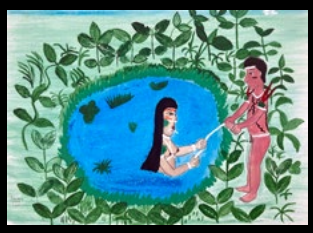
10. Sem título (2025)
42 x 29,7 cm



11. Sem título (2025)
42 x 29,7 cm



12. É assim que vivem as caças na floresta (2022)
42 x 29,7 cm



13. Omama pescando a mulher
(2023)



14. Todas nós, mulheres, também coletamos peixes nos lagos (2024)
42 x 29,7 cm



15. Sem título (2018)
42 x 29,7 cm



16. Sem título (2025)
42 x 29,7 cm



Tõrãmũ Kẽhíri

Tõrãmũ Kẽhíri, conhecido como Luiz Gomes Lana, escritor indígena reconhecido por colocar no papel a mitologia do povo Desana, nasceu em 1947, na comunidade São João Batista, às margens do rio Tiquié, na Terra Indígena Alto Rio Negro, interior do Amazonas. Ao longo de sua vida, tornou-se um líder indígena importante da região.

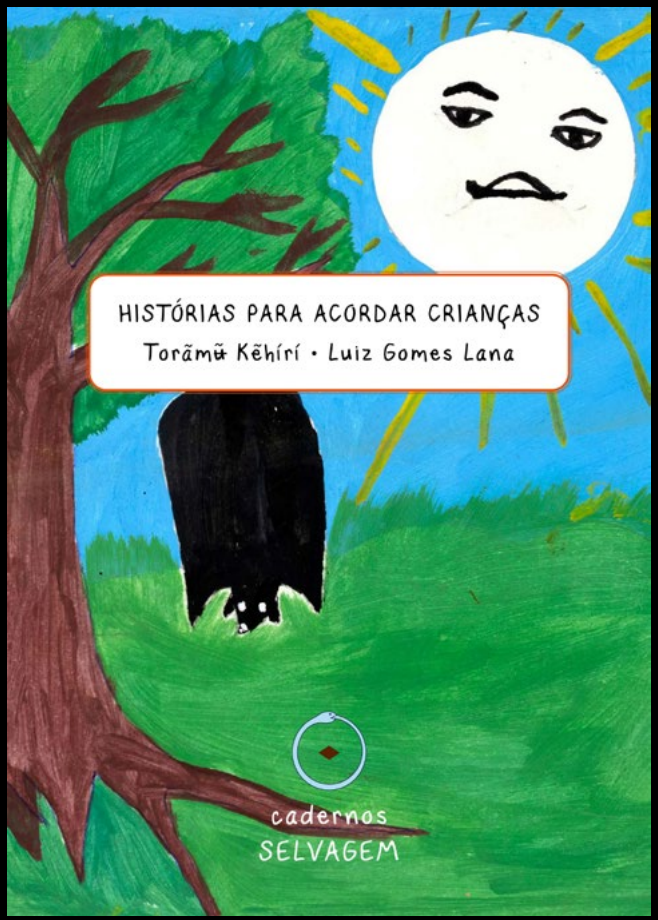
Em 1980, Tõrãmũ lançou a obra *Antes o mundo não existia*, que escreveu em conjunto com seu pai, Firmiano Arantes Lana, ou Umúsin Panlõn Kumu. A antropóloga Berta Ribeiro foi quem datilografou e revisou o livro, escrito à mão em um caderno de Tõrãmũ. Anos depois, o livro foi publicado em nova edição pela Dantes Editora, como parte da família de livros Selvagem, incluindo uma revisão de termos e novas ilustrações feitas pelo autor.

Em 1990, fundou a União das Nações Indígenas do Rio Tiquié (Unirt) que, além dos Desana, era composta pelos povos Tukano, Bará e Barasana.

Se existe um fio da memória, Tõrãmũ o tem em suas mãos e pode desfiá-lo até um outro mundo, antes do mundo existir.

Tõrãmũ Kẽhíri nos mostrou que as perguntas "quem sou?" e "de onde vim?" são incógnitas somente para os brancos, pois ele sabia muito bem da sua origem. Ele veio das estrelas, era um Kẽhíríporã, filho do desenho do sonho, do povo Desana ou Umukomahsã, gente do universo, descendente de Yebá Buró, a avó do mundo.

As obras de Tõrãmũ Kẽhíri presentes na exposição também podem vistas no Caderno Selvagem *Histórias para acordar crianças*, onde cada uma das pinturas é acompanhada de uma breve narrativa em português e Desana.





Morada espiritual (2018)
Tinta acrílica sobre tela, 147 x 124 cm

Moisés Piyãko

A Escola Viva… hoje, tem muitas pessoas se interessando em aprender e entender o que é isso, para poder viver também. Até mesmo para poder respeitar mais. Muitas vezes, eles não são culpados, porque a gente às vezes não entende, não sabe como respeitar, não sabe como conduzir isso. Agora, está chegando o momento em que as pessoas estão tendo uma oportunidade para entender o que é isso. Eu vejo que a nossa Escola Viva não começou aqui […] ela é bem antiga.

Moisés Piyãko é uma respeitada liderança espiritual do povo Ashaninka que vive na aldeia Apiwtxa, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, no Acre, Brasil. Ele é um guardião dos saberes ancestrais, da cultura e da floresta, transmitindo conhecimentos sobre a história de seu povo, a espiritualidade e a relação com a natureza.

Moisés e seus irmãos, Francisco Piyãko, coordenador da Organização dos Povos Indígenas do Rio Juruá (OPIRJ), Benki Piyãko e Wewito Piyãko, também lideranças do povo Ashaninka, são reconhecidos mundialmente por seu trabalho em Apiwtxa para regenerar, restaurar e proteger os ecossistemas e povos da Floresta Amazônica.







SHUBU HIWEA

ESCOLA VIVA

HUNI KUĨ

SHUBU HIWEA • ESCOLA VIVA HUNI KUĨ

Coordenadores: Dua Busẽ e Teresa Netẽ

"Que todos nós, indígenas, possamos alcançar alegria, nosso trabalho, nossa cultura, nossa tradição. Todos os vários indígenas que nós temos no Brasil, toda a nossa nação, não apenas um parente."
Dua Busẽ

A Escola Viva Huni Kuĩ é um sonho do pajé **Dua Busẽ**. Ele vive com sua família na aldeia Coração da Floresta, no Alto Rio Jordão. **Dua Busẽ** possui profundos saberes da cultura **Huni Kuĩ** – de histórias, medicina, música e espiritualidade – e, ao longo dos anos, tem transmitido seus conhecimentos para outros pajés e aprendizes. Em sua aldeia, ele criou um grande jardim, que batizou de Parque União da Medicina, onde são feitos cultivos, estudos e práticas dos saberes da medicina tradicional de seu povo. **Netẽ**, sua companheira, é também uma mestra artesã e conhecedora dos **kenes**, grafismos sagrados que carregam histórias ancestrais em cada traço. Além do Parque União da Medicina, a Escola Viva mantém oficinas de tecelagem e práticas de cuidado com a comunidade, conduzidas por **Netẽ** e outras mulheres.

Shubu Hiwea é um conceito que vem do povo **Huni Kuĩ** para todo o movimento Escolas Vivas. Ele reconhece a conexão entre a transmissão de conhecimentos e toda a vida que existe nos territórios, em diálogo com seres humanos e não humanos.

Dua Busẽ e **Netẽ** na residência Casa Escola Viva, Rio de Janeiro, 2025







Rua Yube e Ayani Huni Kuĩ
na residência Casa Escola Viva, no Bloco Escola do MAM Rio em outubro de 2025



Oficina artística na Escola Viva Huni Kuĩ
para preparação da exposição, maio 2026







Obras da Escola Viva Huni Kuĩ na exposição *Viva Viva Escola Viva*, em 2026



Dua Busẽ (Edivaldo Sena da Silva Huni Kuĩ), Shuku Bena, Inu Bake
DAU TI KUI – Desenhos da história da medicina pelo canto do esquilo 1 (2026)
Acrílica sobre tela, 300 x 160 cm



Dua Busẽ (Edivaldo Sena da Silva Huni Kuĩ), Shuku Bena, Inu Bake, Inu Ibã, José Domingos Huni Kuĩ, Dua Txuwã, Aldo Sena da Silva Huni Kuĩ
DAU TI KUI – Desenhos da história da medicina pelo canto do esquilo 2 (2026)
Acrílica sobre tela, 180 x 120 cm



Lurdes Pinheiro da Silva Huni Kuĩ (Itã Huni Kuĩ)
Yube Kene – grafismo da jiboia (2026)
Acrílica sobre tela, 42 x 30 cm



Netẽ Huni Kuĩ
Shunu Kene (2026)
Acrílica sobre tela, 62 x 50 cm



Ayani (Francisca Domingos Huni Kuĩ)
Inu Kene – grafismo da onça (2026)
Acrílica sobre tela, 50 x 43 cm



Aldo Sena da Silva Huni Kuĩ
Punu Inu e Muka Inani (2026)
Acrílica sobre tela, 42 x 30 cm



Maria Osileni (Maspã Huni Kuĩ) e Paulino Huni Kuĩ
Sepi Kene (2026)
Acrílica sobre tela, 50 x 40 cm



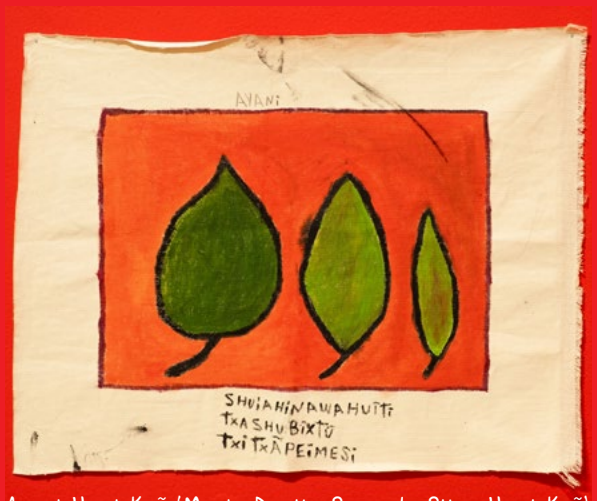
Darlene Huni Kuĩ e Jacilene Huni Kuĩ
Sem título (2026)
Acrílica sobre tela, 62 x 50 cm



Ayani Huni Kuĩ (Maria Ducila Sena da Silva Huni Kuĩ)
Sepi Kene (2025)
Acrílica sobre tela, 174 x 108 cm



Ayani Huni Kuĩ (Maria Ducila Sena da Silva Huni Kuĩ)
Mae Musha Shãmati Kene (2025)
Acrílica sobre tela, 168 x 138 cm



Ayani Huni Kuĩ (Maria Ducila Sena da Silva Huni Kuĩ)
Shuia hinawa huĩtĩ, Txashu bixtũ e Txitxã peĩmesi (2026)
Acrílica sobre tela, 42 x 30 cm



Shuku Bena
DAU TI KUI – Desenhos da história da medicina pelo canto do esquilo 3 (2026)
Acrílica sobre tela, 62 x 50 cm



Dua Busẽ (Edivaldo Sena da Silva Huni Kuĩ)
DAU TI KUI – Desenhos da história da medicina pelo canto do esquilo 4 (2026)
Acrílica sobre tela, 50 x 43 cm



Inu Ibã Huni Kuĩ (José Domingos Kaxinawá)
DAU TI KUI – desenhos da medicina
Acrílica sobre tela, 50 x 43 cm



Ayani Huni Kuĩ (Maria Ducila Sena da Silva Huni Kuĩ)
Txere Beru Kene – olho da curica (2025)
Acrílica sobre tela, 50 x 40 cm



Ayani Huni Kuĩ (Maria Ducila Sena da Silva Huni Kuĩ)
Isu Hina Kene (2025)
Acrílica sobre tela, 50 x 40 cm



Ayani Huni Kuĩ (Maria Ducila Sena da Silva Huni Kuĩ)
Kape Hina Kene – grafismo da cauda do jacaré (2025)
Pigmentos naturais sobre tela, 30 x 40 cm



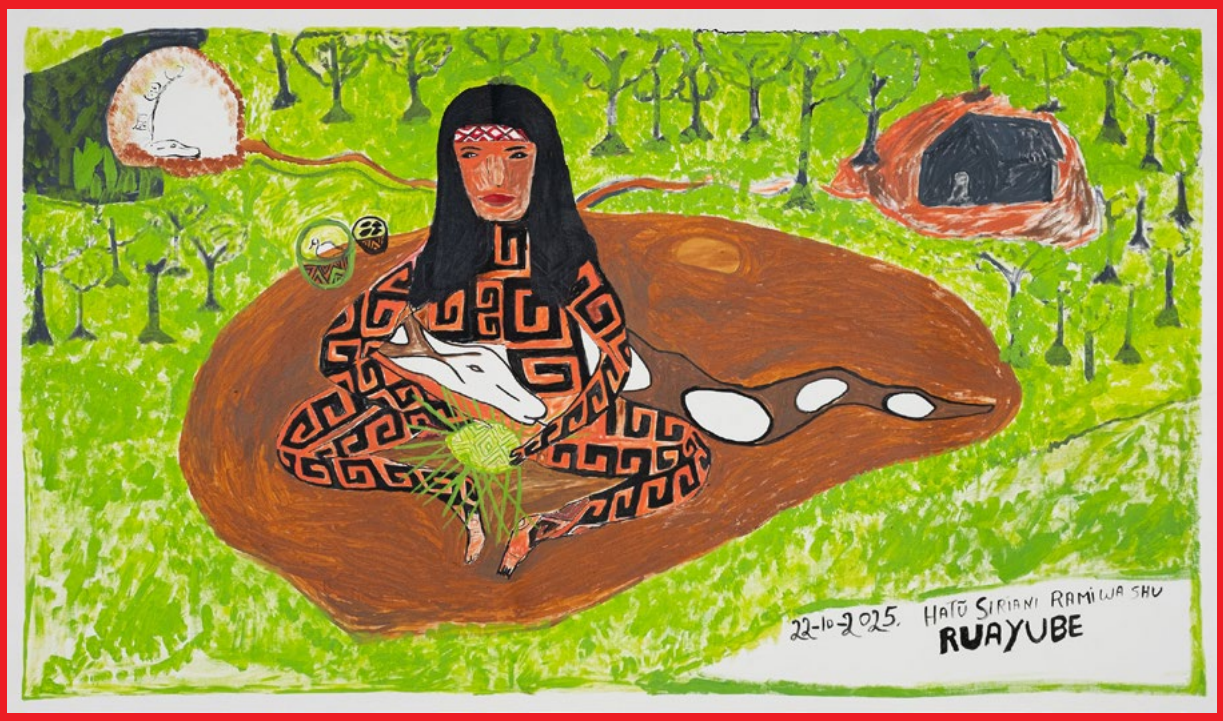
Rua Yubẽ Huni Kuĩ
Retrato do pajé Dua Busẽ (2025)
Acrílica sobre tela, 27 x 35 cm



Maria Socorro Sena da Silva Huni Kuĩ
Tintum Kene e Yube Kene (2026)
Acrílica sobre tela, 50 x 43 cm



Alderina Vandique Huni Kuĩ
Mae Musha Kene e Tintum Kene (2026)
Acrílica sobre tela, 42 x 30 cm



Rua Yube Huni Kuĩ (José Maia Huni Kuĩ)
Hatũ Siriani Ramiwa Shu (2025)
Acrílica sobre tela, 174 x 100 cm



Ayani Huni Kuĩ (Maria Ducila Sena da Silva Huni Kuĩ)
Yube Kate Kene (2025)
Acrílica sobre tela, 174 x 108 cm

Na exposição, os desenhos são um espaço de encontro das artes em papel, produzidas durante as oficinas em territórios e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Nessa parede reunimos desenhos de todas as Escolas Vivas, numa espécie de varal coletivo.



APNE IXKOT HÃMHIPAK

ALDEIA ESCOLA FLORESTA

ESCOLA VIVA

MAXAKALI

APNE IXKOT HÃMHIPAK • ESCOLA VIVA MAXAKALI

Coordenadores: Sueli Maxakali e Isael Maxakali

Nós não estamos inventando a Escola Viva, já tinha há muitos anos.
A floresta ensina nós, ensina o pajé, e nós, jovens, aprendemos com o pajé.
Por que eu escolhi o nome "Aldeia Escola Floresta"? Porque aldeia é escola.
Porque tem tudo dentro do nosso território indígena.
Isael Maxakali

A Escola Viva Maxakali nasceu com a retomada da Aldeia Escola Floresta, hoje reconhecida como Terra Indígena. Reúne 327 pessoas em um projeto que articula reflorestamento, oficinas culturais e encontros de pajés. Os Maxakali são habitantes ancestrais das florestas que cobriam todo o leito dos rios Pardo, Jequitinhonha e Mucuri, na região compreendida, hoje, como nordeste de Minas Gerais e extremo sul da Bahia.

A Aldeia Escola Floresta é o território mais recente desse povo e foi criada a partir da retomada de uma propriedade da União, localizada na zona rural de Teófilo Otoni, em Minas Gerais. Isael costuma dizer que a verdadeira casa dos Maxakali, a "aldeia de verdade", só pode existir junto com a floresta, que é a morada dos Yãmiyxop, os povos-espírito da Mata Atlântica, e que a vida nesses lugares – na aldeia e na floresta – é a melhor forma de educar suas crianças e transmitir seus conhecimentos tradicionais: é sua escola viva, portanto. Eles evocam, assim, o projeto comunitário que almejavam há muito tempo, e que se impulsiona pela reivindicação dos Maxakali por seus territórios originários e pela saudade que sentem dos rios, das caças e da mata grande.

Sueli Maxakali e Isael Maxakali durante uma imersão na Escola Viva Guarani em junho de 2026



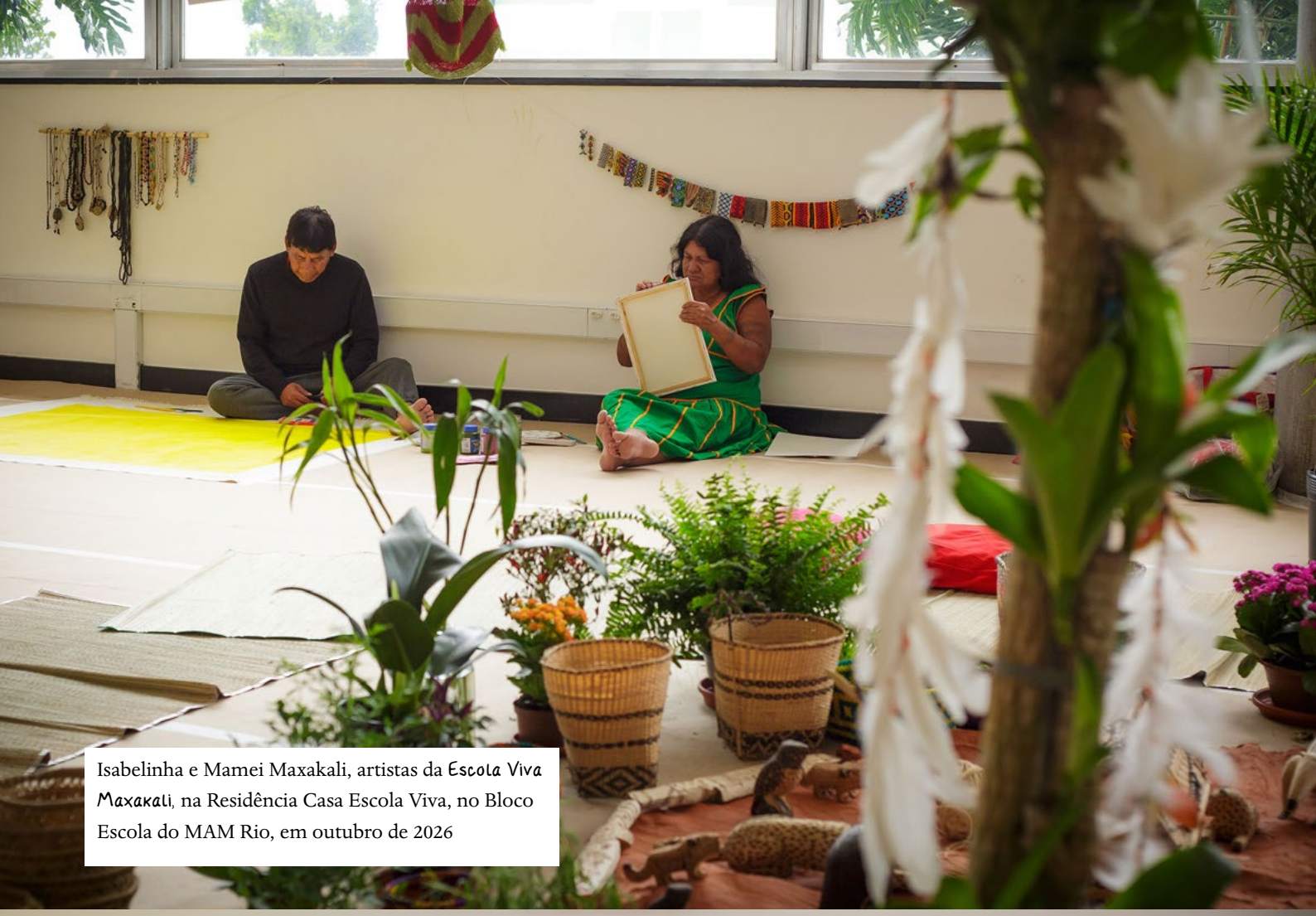








Oficinas na Escola Viva Maxakali, em agosto de 2024



Isabelinha e Mamei Maxakali, artistas da Escola Viva Maxakali, na Residência Casa Escola Viva, no Bloco Escola do MAM Rio, em outubro de 2026



Oficina artística na Escola Viva Maxakali
para preparação da exposição, em maio de 2026





PALAVRAS-SONHO

Isael Maxakali

Sem a terra não tem escola diferenciada. Sem a terra não tem saúde diferenciada. Porque nós lutamos para conquistar a terra. Realizamos nosso sonho e hoje vamos criar muitos projetos em cima da terra. Da nossa terra.

Por que nós chamamos Aldeia Escola Floresta? Porque onde tem aldeia, tudo é "sala de aula". Onde tem árvore e sombra é "sala de aula". As crianças vão cantar o nosso ritual. Imitam. Na beira do rio, elas vão brincar, cantar e escrever na areia. Tudo é "sala de aula" dentro da aldeia. Todos os homens vão para dentro do mato, e vão cantando. Vão tirando madeira e vão cantando. Por isso, colocamos o nome Aldeia Escola Floresta, porque toda a aldeia é escola. Onde tem sombra, as mulheres vão se juntar e fazer os artesanatos. As crianças vão chegando, ficam do lado, escutando e aprendendo também. A aldeia inteira é escola. Onde tem casa de ritual é escola verdadeira, muito importante. Vai ter canto, história, cultura, comida tradicional. Nós, comunidade da Aldeia Escola Floresta, queremos terra para Yãmîyxop, para crianças, para o futuro. Porque nós nascemos todos juntos com a floresta, nascemos todos juntos com a caça.

Essa terra é nossa mãe porque ela alimenta a todos nós. Os nossos cantos registram todas as caças. Alguns bichos que perdemos, o canto registra. E os desenhos também representam os animais. Tem bichos grandes que perdemos, mas registramos os seus nomes. Nosso canto fala seus nomes.

Nós, Maxakali, somos sofredores, mas nossos Yãmîy nos acompanham. Todos os dias os Yãmîy saem comigo, com todos os Maxakali.

Por que eu falo Aldeia Escola Floresta?

Se eu sair daqui, se eu for para o mato, o meu Yãmîy está me acompanhando, eu vou cantando dentro do mato. Se eu brincar no rio, outro Yãmîy vai me acompanhar. Eu vou imitar qualquer bicho: peixe, jacaré, andorinha, vou fazer seus cantos. Por isso é que chamamos Aldeia Escola Floresta. Aqui, a minha casa é escola, porque estamos passando o nosso conhecimento para os jovens que estão aprendendo agora.

Nós somos professores. Nós estamos falando. Eles estão escutando as falas. Pegamos a palavra boa para esperar a nossa memória, para não cair. Tem que crescer.

Ter o conhecimento diferente, pegar o outro conhecimento para crescer a Aldeia Escola Floresta.

Nosso sonho é pegar a terra e recuperar. Porque ela precisa ser curada, precisa de tratamento. Porque a terra é viva. Terra fala, terra olha a gente e terra grita. Mas o fazendeiro não escuta o que a terra está gritando, que precisa de socorro. Por isso nós queremos reflorestar, e fazer a Aldeia Escola Floresta.



Pintura do painel Maxakali para a exposição no Instituto Tomie Ohtake, em junho de 2026

Obras da Escola Viva Maxakali na exposição *Viva Viva Escola Viva*, em 2026

Obras da Escola Viva Maxakali na exposição *Viva Viva Escola Viva*, em 2026



Veronildo Maxakali, Ronaldo Maxakali, Marcinho Maxakali e Voninho Maxakali
Mimãnãm yãmiyxop yõg – Mimãnãm é de yãmiyxop (2026)
Acrílica sobre tela, 170 x 115 cm



Mamei Maxakali
Xũnĩm xatix – Espírito morcego (2025)
Acrílica sobre tela, 170 x 148 cm



Cassiano Maxakali
Casa de Yãmiyxop (2026)
Acrílica sobre tela, 120 x 70 cm



Evaldo Maxakali
Mãyõnnãg mug – Casou com estrela (2026)
Acrílica sobre tela, 118 x 70 cm



Mulheres Maxakali
Kunox Mĩmãnãn (Vestidos) (2026)
Tinta sobre tecido



Voninho Maxakali

Pexox tu mõg – Foi para céu (2026)

Acrílica sobre tela, 185 x 160 cm



Marcos Maxakali

Yãyhã xok xop – Transformou animal (2026)

Acrílica sobre tela, 160 x 110 cm



Mamei Maxakali
Maracá (sem data)
Madeira, tinta
e objetos sonoros

Voninho Maxakali
Mĩkax (sem data)
Madeira entalhada

Mamei, Voninho, Isael,
Veronildo, Evaldo e
Cassiano Maxakali
Mĩmãnãn (2026)
Acrílica sobre madeira



Rolando Maxakali
Kõnãg kux – Beira do rio (2026)
Acrílica sobre tela, 110 x 85 cm



Cassiano Maxakali
Kotkuphi – Espírito da mandioca (2026)
Acrílica sobre tela, 100 x 75 cm



Mulheres artesãs da Escola Viva Maxakali
Colares Yãmĩyhex – Mulheres fortes espíritos (sem data)
Fibra de embaúba, sementes, madeira e tinta de urucum



Rolando Maxakali, Isael Maxakali, Erismar Maxakali,
Veronildo Maxakali, Mamei Maxakali, Marcinho Maxakali e Sueli Maxakali
Mãyõn nãg penãhã – Olhando estrela (2026)
Acrílica sobre tela, 220 x 175 cm



Mamei Maxakali
Mimtut Xaphe
Aldeia redonda (2025)
Acrílica sobre tela, 27 x 35 cm



Mamei Maxakali
Katamak
Gameleira (2025)
Acrílica sobre tela, 27 x 35 cm



Isabelinha Maxakali
Mãyõnnãg pata
Estrela pé (2025)
Acrílica sobre tela, 27 x 35 cm

MADZEROKAI

CASA DOS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS

ESCOLA VIVA BANIWA

MADZEROKAI, CASA DOS CONHECIMENTOS ANCESTRAIS • ESCOLA VIVA BANIWA

Coordenadores: Francy Baniwa e Francisco Fontes Baniwa

Tudo o que somos e o que fazemos na comunidade dentro das nossas casas é escola viva. Todas as cestarias, a arte de cortar a palha, de pescar, de limpar o peixe, de cuidar da roça, tudo isso. O meu pai é uma escola viva. Os meus tios e professores são escolas vivas. Todas as roças são escolas vivas.

Francy Baniwa

A Escola Viva Baniwa nasce do trabalho feito ao longo de seis anos de pesquisa e escrita do livro *Umbigo do mundo*, publicado pela Dantes Editora, em 2023, de Francy Baniwa em diálogo com seu pai, Francisco Luiz Fontes Baniwa (Matsaape), narrador das histórias orais tradicionais, e com seu irmão Frank Fontes Baniwa (Hipattairi), autor das 74 aquarelas. A Escola Viva Baniwa nasceu, assim, por meio das narrativas que são nosso guia para viver bem, e hoje se estabeleceu como uma grande conquista para o povo Baniwa, que está no Noroeste Amazônico, na Terra Indígena Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas.

A Escola Viva Baniwa se destaca pelo trabalho comunitário, com grande envolvimento de toda a comunidade, atividades de roça e plantio, transmissão de saberes diversos para os mais jovens, valorização dos mestres e mestras do saber, intercâmbios com a escola regular do território e a ativação de um novo espaço para realizar as atividades e promover o despertar das memórias ancestrais.

Francy Baniwa e Francisco Baniwa durante uma imersão na Escola Viva Guarani em junho de 2026







Frank Baniwa e Larissa Baniwa, artistas da Escola Viva Baniwa na residência Casa Escola Viva, no Bloco Escola do MAM Rio, 2025

UMBIGO DO MUNDO

Madzerokai, Escola Viva Baniwa, Assunção do Rio Içana, Alto Rio Negro, Amazonas, Brasil

A OBRA

Umbigo do mundo é uma instalação coletiva concebida e realizada pela Madzerokai, Escola Viva Baniwa de Assunção do Rio Içana, no Alto Rio Negro, com forte protagonismo das mulheres.

A obra nasce das narrativas de origem Baniwa e toma a forma de um grande ventre, um espaço que pode ser atravessado e habitado pelo público. Sua estrutura reúne técnicas ancestrais de trançado e materiais provenientes do território, entre eles fibras de tucum e tururi, palha de arumã, cipós e madeiras. Em seu interior, pinturas, grafismos, objetos, cheiros e texturas compõem um ambiente relacionado à gestação, ao nascimento e à continuidade da vida.

Umbigo do mundo convoca uma experiência corporal. O visitante é convidado a entrar no interior da obra, aproximando-se de uma cosmologia na qual corpo, território, ancestralidade, memória e transmissão de conhecimentos são indissociáveis.

HISTÓRIA E PROCESSO DE CRIAÇÃO

O primeiro desenho da instalação (1) surgiu em abril de 2025, durante a viagem de Anna Dantes, diretora da Selvagem, Cristine Takuá, coordenadora geral das Escolas Vivas, e Carlos Papá, coordenador da Escola Viva Guarani à Madzerokai, em Assunção do Rio Içana. A ideia foi apresentada por Francy Baniwa (2), coordenadora da Escola Viva Baniwa, e num encontro que reuniu a comunidade, começaram a tomar forma as primeiras reflexões e experimentações coletivas que dariam origem à instalação (3, 4, 5).

As mulheres da comunidade reuniram as fibras e, divididas em grupos de trabalho (6, 7, 8, 9), começaram a pensar e desenvolver cada parte do projeto desenhado. Ao final de três dias, o desenho tomou a forma de uma estrutura tridimensional, um protótipo (10, 11) do que viria a ser o *Umbigo do mundo*.



1


2


3


4


5


6


7


8


9


10


11

A partir desse primeiro desenho e do protótipo, a obra continuou a crescer no território ao longo de muitos meses. É uma obra de muitas mãos, construída em diferentes etapas e a partir de conhecimentos compartilhados entre gerações.

A obra foi feita pelas mãos de muitas mulheres que guardam o conhecimento da coleta, preparo e trançado de diversos materiais (12, 13, 14, 15) e evoca a narrativa de Amaru. Essa deusa Baniwa deu origem ao mundo, ela é o centro do universo, pilar da oralidade e da memória e uma biblioteca viva. A divindade também é guardiã dos conhecimentos sobre como se conduzir no mundo, sabedoria transmitida através das gerações Baniwa. O *Umbigo do mundo* não é uma maloca, não é uma barriga, é um planeta, um universo. Um encontro de mundos entre deuses e mulheres.

A estrutura interna do ventre foi construída com ripas, cipós e madeira, coletados pelos homens da comunidade (16, 17).

Estevão Baniwa criou pinturas (18, 19) para o interior da instalação, representando narrativas relacionadas ao parto, à fertilidade e aos deuses e deusas que deram origem ao mundo. As narrativas foram pintadas sobre telas de fibra natural também coletadas pelos homens da comunidade.

Umbigo do mundo foi finalizado no Instituto Tomie Ohtake (20, 21, 22), em São Paulo, juntamente com uma grande tela pintada por Estevão Baniwa e Frank Baniwa (23), para compor a exposição *Viva Viva Escola Viva*, em 2026.

Assista aqui a um breve filme sobre o processo de criação de *Umbigo do mundo*.


12


13


14


15


16


17


18


19


20


21


22


23



Umbigo do Mundo, obra da Escola Viva Baniwa na exposição *Viva Viva Escola Viva*, em 2026



Umbigo do mundo (2026)
Tururi, tucum rama natural, tucum tingido, tucum fiado, talos de turi, cipó titica,
cipó wambé, breu, jacitara, sikantá, esteiras de arumã com grafismos,
esteira tupé de arumã membeka, desenhos em tururi, bancos de madeira molongó,
boneca de madeira molongó e placenta de madeira molongó.

Realização coletiva:
Francy Baniwa, Maria Cleocimar Santana, Viviane Almeida Olímpio, Gelma Ortiz,
Laura Almeida, Eliane Fontes, Virgília Almeida, Bidoca Castro, Maristela Luciano,
Íris Raimundo Bitencourt, Elisangela Fontes, Lilian Livino, Vera Teixeira,
Josiane Mandu, Maria Aparecida Castro, Fátima Castro, Isabel Castro,
Francisco Luiz Fontes, Frank Bitencourt Fontes, Estevão Fontes Olímpio,
Hermes, Miguel Carlos Piloto, Robertinho Plácido, Cláudio Martins, Jorge Idalino,
Jonilton Olímpio, Antônio Almeida e Genival Camico



Frank Baniwa
Iñapakatti: **a força do benzimento e da cura** (2026)
Acrílica sobre tela, 300 x 165 cm



Frank Baniwa
Conexões entre mundos (2025)
Acrílica sobre tela, 205 x 150 cm



Larissa Baniwa e Francy Baniwa
A vingança entre cunhados (2025)
Acrílica sobre tela, 170 x 217 cm

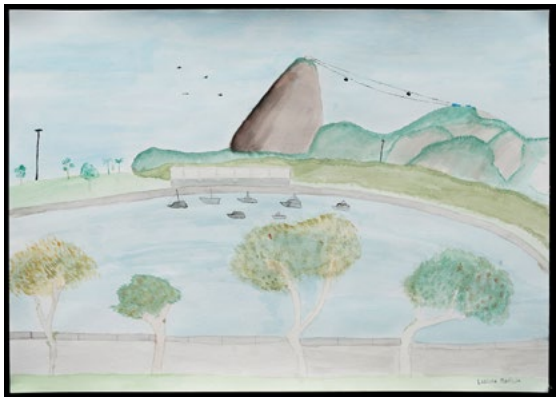




Larissa Baniwa
Rio Içana (2025)
Acrílica sobre tela, 35 x 27 cm



Larissa Baniwa
Sem título (2025)
Aguada sobre papel, 42 x 29,7 cm



Larissa Baniwa
Sem título (2025)
Aguada sobre papel, 42 x 29,7 cm



Larissa Baniwa
Sem título (2025)
Aguada sobre tela, 60,5 x 33,5 cm



Larissa Baniwa
Sem título (2025)
Acrílica sobre tela, 26,5 x 35,5 cm



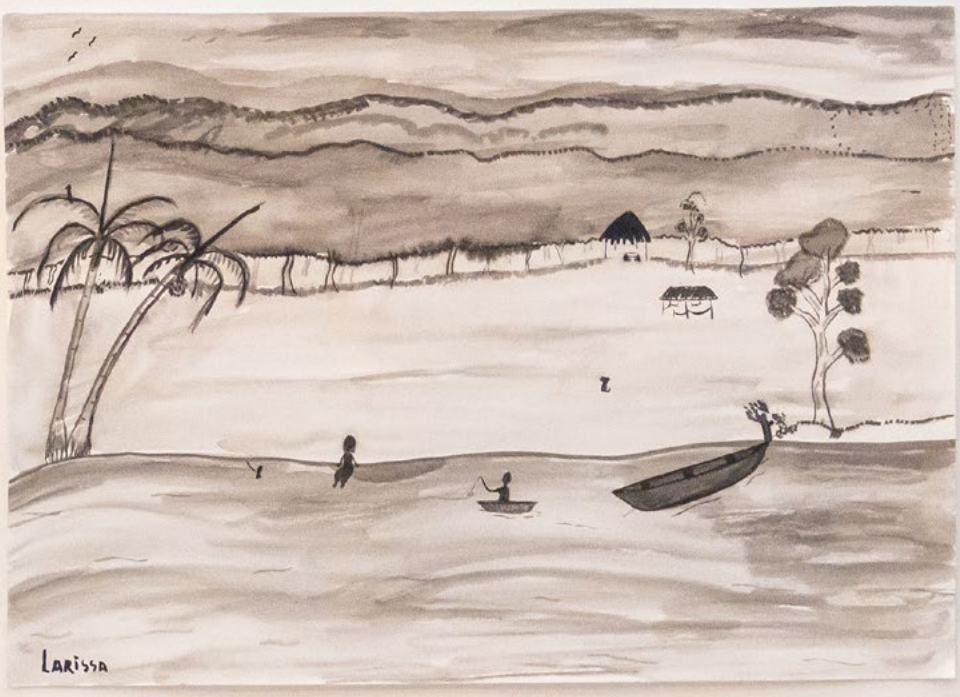
Frank Baniwa
Projeto da Madzerokai, casa de formação Baniwa (2025)
Aquarela sobre papel, 42 x 29,7 cm



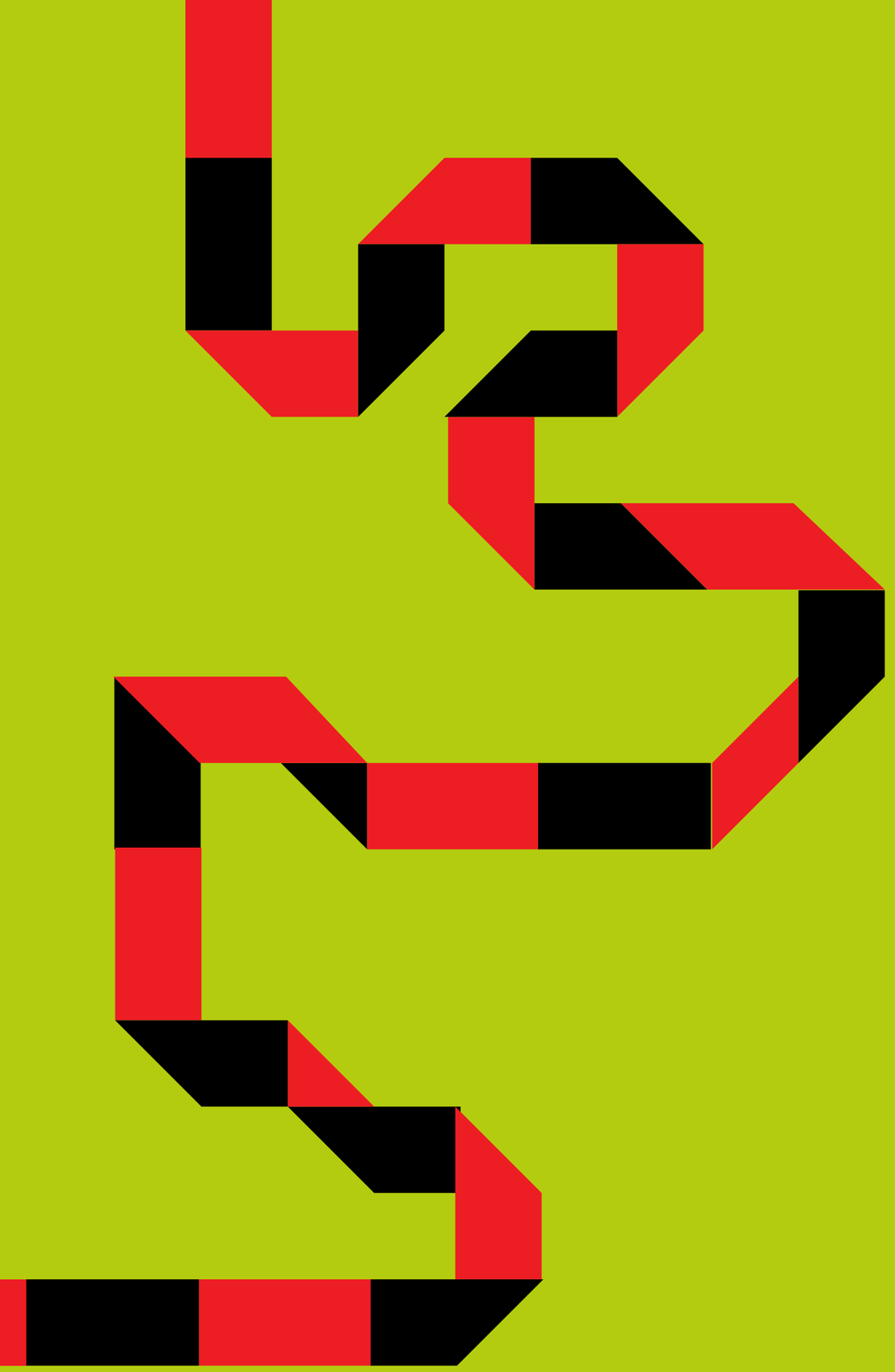
Frank Baniwa
Sem título (2025)
Aguada sobre papel, 42 x 29,7 cm



Frank Baniwa
Sem título (2025)
Aguada sobre papel, 42 x 29,7 cm



Larissa Baniwa
Sem título (2025)
Aguada sobre papel, 42 x 29,7 cm





BAHSERIKOWI

CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA

ESCOLA VIVA TUKANO-
-DESANA-TUYUKA

BAHSERIKOWI, CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA ESCOLA VIVA TUKANO-DESANA-TUYUKA

Coordenadores: João Paulo Tukano, Ivan Tukano e Carla Wisu

Eu sou de uma família de especialistas como yaiwa *e* kumuã*.*
E atualmente somos os fundadores do primeiro Centro de Medicina Indígena Bahserikowi *do Amazonas. Somos um centro de referência também para outros povos indígenas, para que possam se espelhar e assim criar os seus próprios espaços de cuidado em saúde e cura.*
João Paulo Tukano

O Centro de Medicina Indígena Bahserikowi está localizado no centro da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. A fundação do Bahserikowi em Manaus foi uma escolha estratégica para impactar as universidades e as instituições públicas, e para promover o respeito sobre a medicina indígena. Atualmente, o Bahserikowi é uma referência nacional de cuidado de saúde com as tecnologias genuinamente indígenas. Os especialistas que atuam no Centro de Medicina, os kumuã, são originários dos povos Yepamahsã (Tukano), Utãpirõ-Porã (Tuyuka) e Umukori-Mahsã (Desana), das comunidades indígenas do Alto Rio Tiquié, afluente do rio Uaupés, Alto Rio Negro. O atendimento é feito para o público em geral, indígenas e não indígenas. O kumu, especialista em cura, fica à disposição para atender as pessoas e cuidar delas com plantas medicinais e com bahsese, também conhecidos como benzimentos.

João Paulo Tukano e Ivan Tukano na residência Casa Escola Viva, Rio de Janeiro, 2025





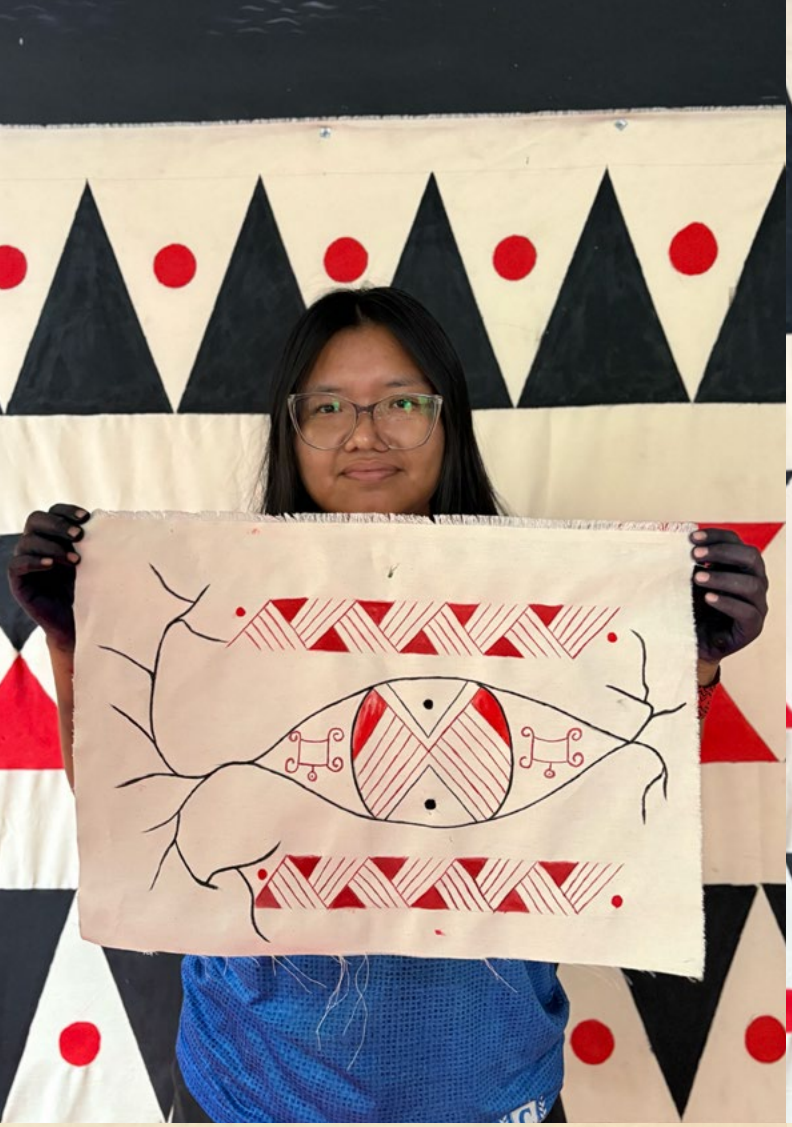


Thaís Desana e Ivan Tukano, artistas da Escola Viva Tukano-Desana-Tuyuka na Residência Casa Escola Viva, no Bloco Escola do MAM Rio, em outubro de 2025





Oficina artística na Escola Viva Tukano-Desana-Tuyuka para preparação da exposição, em abril de 2025











Obras da Escola Viva Tukano-Desana-Tuyuka na exposição *Viva Viva Escola Viva*, em 2026



Ivan Tukano

Pamũri yũhkũsũ: uma viagem cosmológica dos futuros humanos (2025)

Acrílica sobre tela, 162 x 100 cm



Thaís Desana

Hukariru – Sopro da Vida (2025)

Acrílica e pigmentos naturais sobre tela, 172 x 109 cm



Ivan Tukano
Suporte e cuia (2025)
Tintas de terra sobre papel, 30 x 40 cm



Ivan Tukano
Forquilha (2025)
Tintas de terra sobre papel, 30 x 40 cm



Ivan Tukano
Kariçu e Mahpoari (2025)
Nanquim sobre papel, 30 x 40 cm



Ivan Tukano
Banco Tukano e Forquilha (2025)
Nanquim sobre papel, 40 x 30 cm

Série Kahtisse Mũrõpũ (2025)



Thaís Desana

Dihku Mahsõ Numiõ – Mulher Maniwa (mandioca) (2025)

Acrílica sobre tela, 90 x 160 cm



Thaís Desana
Noite da origem da vida (2025)
Acrílica sobre tela, 30 x 40 cm



Thaís Desana
Cabeça de cobra (2025)
Acrílica sobre tela, 30 x 40 cm

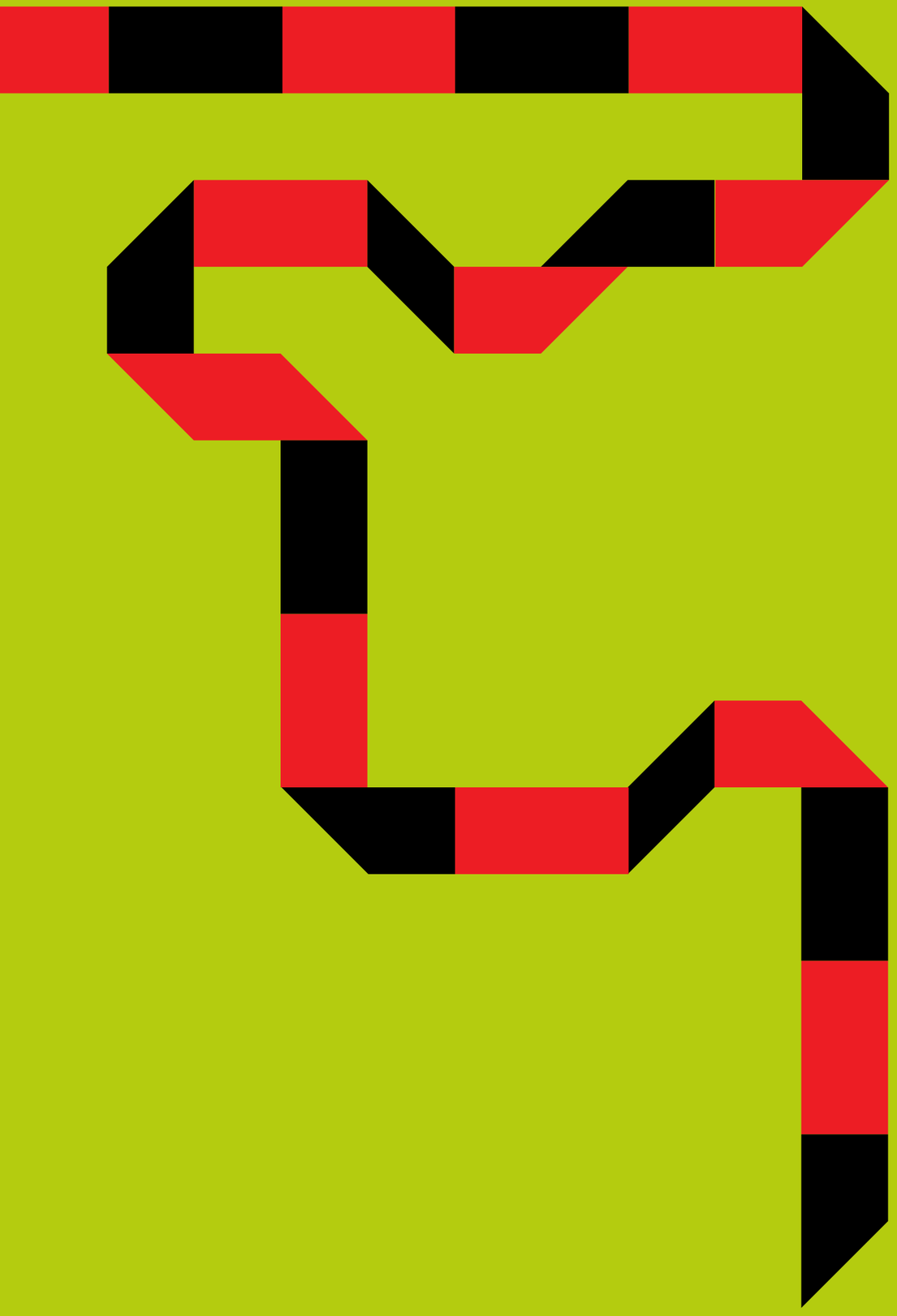


Thais Desana
Pãmuri yu'ukusu – Cobra canoa (2025)
Acrílica sobre tela, 30 x 30,2 cm



Thais Desana
Yebá Buró – Avó do universo: primeira mulher Desan (2025)
Acrílica sobre tela, 30 x 30,2 cm

Vista da exposição com medicinas
da Escola Viva Tukano-Desana-Tuyuka





ARANDU PORÃ

ESCOLA VIVA GUARANI

ARANDU PORÃ • ESCOLA VIVA GUARANI

Coordenador: Carlos Papá

Através da Escola Viva pude ter experiência com os mais velhos sobre a importância da vida e de trazer a valorização dos conhecimentos da nossa tradição. E, com muito esforço, isso vem sendo praticado.

Carlos Papá

O povo Guarani habita a região meridional da América do Sul em um amplo território, no qual se sobrepõem as terras do Paraguai, do Brasil, da Argentina, do Uruguai e da Bolívia. Os Guarani nomeiam toda essa região, para além das fronteiras políticas atuais, como uma parte da ampla Yvy Rupa, "o leito da Terra". No território do rio Silveira, onde se localiza a Arandu Porã, os jovens se fortaleceram quando perceberam a importância da Escola Viva e, através desse acordamento, começaram a cantar, a entender códigos e a praticar saberes que estavam silenciados. A Escola Viva é uma ferramenta para trazer essa educação milenar, uma educação de respeito, uma educação de saúde, uma educação do andar, do falar e do olhar.

Carlos Papá na residência Casa Escola Viva, Rio de Janeiro, 2025







Carlos Papá, Kauê e Djeguaka, artistas da Escola Viva Guarani, na Residência Casa Escola Viva, no Bloco Escola do MAM Rio, em outubro de 2025

Oficina artística na Escola Viva Guarani para preparação da exposição, em outubro de 2024











Oficina artística na Escola Viva Guarani para preparação da exposição, em janeiro de 2026

Obras da Escola Viva Guarani na exposição *Viva Viva Escola Viva*, em 2026



Carlos Papá

Koa'e ma xerete (meu corpo é esse) (2025)

Acrílica sobre tela, 150 x 208 cm



Kauê Karai, Bruno Djeguaka e Suri Jera
O sonho do guerreiro (2025)
Acrílica sobre tela, 288 x 158 cm



Fabiano Kuaray, Alexandre Wera e Léo Wera
Ara Pyau e Ara Ymâ – Tempo novo e tempo velho (2024)
Acrílica sobre tela, 247 x 158 cm



Fabiano Kuaray
Palmeira-tuku
(**Bactris setosa**)
Acrílica sobre tela



Fabiano Kuaray
Palmito-butiá
(**Butia capitata**)
Acrílica sobre tela



Fabiano Kuaray
Palmito-indaiá
(**Attalea dubia**)
Acrílica sobre tela



Fabiano Kuaray
Palmito-amargo
(**Syagrus oleracea**)
Acrílica sobre tela



Fabiano Kuaray
Palmito-juçara
(**Euterpe edulis**)
Acrílica sobre tela



Léo Wera
Guaricanga
(**Geonoma elegans**)
Lápis de cor sobre papel



Léo Wera
Guaricanga-do-brejo
(**Geonoma Brevispatha**)
Lápis de cor sobre papel



Alexandre Wera
Palmeira-brajaúva
(**Astrocaryum aculeatissimum**)
Acrílica sobre tela



Léo Wera
Jerivá
(**Syagrus romanzoffiana**)
Lápis de cor sobre papel



Fabiano Kuaray
Palmito-jataí
(**Butia purpurascens**)
Acrílica sobre tela

Série de Palmeiras (2024)
42 x 59,4 cm



Carlos Papá, Cristine Takuá, Fabiano Kuaray, Alexandre Wera e Bruno Djeguaka
Piratininga é território indígena
(2024)
Acrílica sobre tela, 160 x 390 cm



Léo Wera, Tupã, Cristiano Wera Poty, Alexandre Wera
Tekoa Nhe'ẽ (2025)
Acrílica sobre tela, 150 x 147 cm



Léo Wera, Tupã, Cristiano Wera Poty, Alexandre Wera
Yvy Ryapuá (2025)
Acrílica sobre tela, 220 x 150 cm



Carlos Papá
Instalação Tekoygy rã – **A origem de nós** (2025)
Bambu, cipó imbé, capim-sapê, esteiras de palha
e bancos de madeira em formato de bichinhos



DEPOIMENTOS

Acompanhando as roupas de pajés Huni Kuĩ, tecidas com as geometrias dos kenes, podemos ouvir os aprendizes de cada uma das Escolas Vivas.

Na parede são apresentados, por meio dos vídeo-depoimentos, os artistas das Escolas Vivas que integraram a residência Casa Escola Viva, em outubro de 2025. A residência trouxe uma troca intensa entre os artistas dos cinco territórios em um convívio diário e na criação conjunta. Esse material pode ser acessado no site Selvagem e no canal Selvagem no Youtube.

Além das obras que foram criadas durante a residência, integram a exposição obras elaboradas durante oficinas nos territórios indígenas, ao longo de 2024 e 2025.





Depoimentos de Ayani Huni Kuĩ e Rua Yube Huni Kuĩ





Depoimento de Mamei Maxakali





Depoimentos de Larissa Baniwa e Frank Baniwa





Depoimentos de Thaís Desana e Ivan Tukano





Depoimento de Carlos Papá



Ao final dos quinze dias da residência Casa Escola Viva, no MAM Rio, houve uma grande roda onde artistas indígenas, curadores e museólogos conversaram a partir da provocação "Arte é mercadoria?". As falas do debate estão reunidas no caderno, que convida a pensar sobre outros caminhos para a inserção de arte indígena nos espaços de arte.





Bandeiras pintadas por cada Escola Viva
para a exposição no Instituto Tomie Ohtake,
em São Paulo, 2026



Jardim Viva Viva e abertura
da exposição *Viva Viva Escola Viva* no Instituto
Tomie Ohtake, em São Paulo, 2026

EDUCATIVO

A articulação feita por Veronica Pinheiro, coordenadora do Laboratório de Aprendizagens Selvagem, junto ao educativo do Instituto Tomie Ohtake foi uma ativação importante da exposição. Foram dez atividades com grupos de crianças, totalizando 120 crianças recebidas, e duas oficinas de formação de professores, com 35 profissionais. Além disso, foram organizadas oficinas, visitas mediadas e programas públicos ativando a exposição. Leia mais sobre o desdobramento das atividades educativas aqui.









ENCERRAMENTO E PLANTIO NO PARQUE DO RIO BIXIGA

por Cristine Takuá

Depois de ficar dois meses no Instituto Tomie Ohtake, o fechamento da exposição *Viva Viva Escola Viva* foi emocionante com duas ativações importantes.

Recebemos em uma fala aberta, no próprio dia de encerramento da exposição, os educadores do Programa de Formação de Professores Bilíngues da Amazônia Peruana (FORMABIAP), de Iquitos, Peru, que trouxeram uma profunda reflexão sobre a educação, sobre a ancestralidade, sobre o trabalho que eles fazem entre a arte e os processos de aprendizagem no curso de formação de professores.

A manhã do dia do fechamento foi muito marcante, porque pegamos as plantas do Jardim Viva Viva – Jagube, Chacrona, Guiné, Tabaco e Ka'a (erva mate), Jaracatiá, Embiruçu, Araucária, Araçá – e levamos para o Parque do rio Bixiga, ao lado do Teatro Oficina. No amanhecer, fizemos um grande rezo, um canto, na beira do Rio Bixiga.

O plantio que aconteceu no dia do fechamento foi um legado, uma semente que a exposição Viva Viva deixou para a cidade de São Paulo.

Créditos

Exposição Viva Viva Escola Viva

Realização Instituto Tomie Ohtake e Associação Selvagem

Curadoria Cristine Takuá, em colaboração com os coordenadores das Escolas Vivas

Produção

- **Associação Selvagem** Madeleine Deschamps
- **Instituto Tomie Ohtake** Ana Laura e Silva, André Luiz Bella, Carolina Pasinato, Clara Alves Machado, Rodolfo Borbel Pitarello, Tamara da Silva Pereira e Victor Ferraz

Coordenação de montagem Rodolfo Borbel Pitarello

Projeto expográfico

- **Associação Selvagem** Anna Dantes
- **Instituto Tomie Ohtake** Ligia Zilbersztejn e Rian Tito

Design gráfico Catê Bloise, Pedro Lemme, Tie Ito e Vitor Cesar

Revisão Divina Prado, Isabela Maia e Victor Negri

Tradução para inglês dos textos da exposição Victor Negri

Acessibilidade Cristina Kenne e Janela Produtora

Montagem fina Manuseio Montagem e Produção Cultural

Museologia Thalita Noce, Leila Antero e Luiz Quintanilha

Cenotecnia Katiana Aleixo Cenografia

Iluminação Âmbar Locação e Serviços de Iluminação – Marcos Franja

Molduras Capricho Molduras

Pintura WCA Pinturas e Decorações

Audiovisual Fusionáudio

Seguro Howden Brasil

Associação Selvagem

Direção Anna Dantes

Direção de produção Madeleine Deschamps

Coordenação das Escolas Vivas Cristine Takuá

Coordenação das Aprendizagens Veronica Pinheiro

Coordenação das traduções Alice Faria

Coordenação do acervo Daniel Grimoni

Colaboração em desenho gráfico Tania Grillo

Comunicação Helena Young

Administrador financeiro Lucas Wagner

Colaboração especial Ailton Krenak

Coordenadores das Escolas Vivas

Carlos Papá • Arandu Porã, Escola Viva Guarani

Sueli Maxakali e Isael Maxakali • Apne Ixkot Hãmhipak, Escola Viva Maxakali

Francy Baniwa e Francisco Fontes Baniwa • Madzerokai, Escola Viva Baniwa

Dua Busẽ e Teresa Netẽ • Shubu Hiwea, Escola Viva Huni Kuĩ

João Paulo Tukano, Ivan Tukano e Carla Wisu • Bahserikowi, Escola Viva Tukano-Desana-Tuyuka

Filmes das Escolas Vivas Caleidoskópica Produções

Agradecimentos especiais aos Yuxibu, Ija juery, Yãmĩyxop e Wai-mahsã.

Agradecimentos Ailton Krenak, Alain Arnaudet, Ana Maria Machado, Carolina Comandulli, Caroline Vabret, Cesar Mancilha Carvalho Pedigone, Cristiane Muniz Araujo, Daniel Jabra, Denise Milfont, Ediane Hirle, Iona Zalcberg, Livia King, Maíra Pappiani Lacerda, Marcela Thiemi Andrade Korogi, Marcio Calvão, Mario Altamiro Offenburger Guimarães, Marion Loire, Olivia Silveira, Paula Berbert, Paulo Miyada, Paloma Salvan, Rafael Cruz, Rodrigo Fiães, Rosseline Tavares, Sébastien Prat e Vidi Descaves.

Agradecimentos institucionais Embaixada da França no Brasil, Instituto Comadre, Instituto Paz, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) e VEJA Shoes.

Créditos das fotos

Gerais da exposição no Instituto Tomie Ohtake e páginas 22, 23, 26, 28 e 76: **Estúdio em Obra** • Obras das Escolas Vivas (com algumas excessões) e páginas 62 e 64: **Ricardo Miyada** • Casa Escola Viva, páginas 2, 32, 84 (esquerda): **Caleidoskopica/Dani Dacorso** • Casa Escola Viva, páginas 15, 33, 50, 69, 84 (direita), 85, 98, 99: **Caleidoskópica/Elea Mercurio** • Projeto da Madzerokai, página 80: **Equipe Selvagem** • Obras Baniwa, página 81: **Caleidoskopica/Ana Rezende** • Exposição Viva Viva Escola Viva 2024: **Pepê Schettino** • Oficinas nos territórios, páginas 13, 14, 49, 51, 71, 72, 73, 86, 87, 100, 101: **Equipe Selvagem** • Montagem da exposição no Instituto Tomie Ohtake, páginas 16, 17, 53: **Equipe Selvagem** • Obras Ehuana Yanomami, páginas 24 e 25: **Daniel Jabra** | Oficina Huni Kuĩ: **Instituto Flor da Floresta** – Ni Hua | Coordenadores Escolas Vivas, páginas 48 e 68: **Elisa Mendes** | Instalação Tekoypy rã - a origem de nós, página 109: **Equipe Selvagem** • Fotos oficinas, página 116: **Mariana Galender** (acima) e **Thamata Barbosa** (abaixo) • Encerramento e plantio, página 117: **Equipe Selvagem**



Toda a realização dos Cadernos Selvagem é da equipe Selvagem,
com coordenação editorial de Anna Dantes. Este caderno e muitos outros
estão disponíveis no site Selvagem em português e várias outras línguas.
Mais informações em **selvagemciclo.org.br**.

Tudo que Selvagem cria é para ser compartilhado gratuitamente.
Você pode usar livremente esse material, em parte ou na íntegra,
desde que dê créditos à Associação Selvagem e mantenha o acesso gratuito.
Para permissões adicionais, escreva para **contato@selvagemciclo.org.br**.

Gostamos muito de acompanhar a circulação dos materiais Selvagem
pelo mundo e, por isso, se usar esse material de alguma forma,
convidamos também a compartilhar registros pelo e-mail acima.

Agradecemos!

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2026
ISBN: 978-65-6271-197-4

DANTES